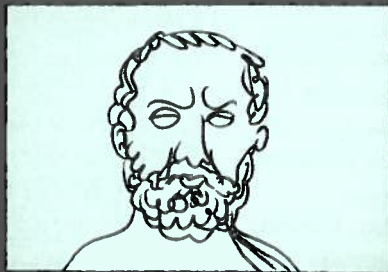


LER TUCÍDIDES EM LISBOA

Durante o período da pandemia, em dias de isolamento e de aulas por Zoom, Miguel Monjardino propôs aos seus alunos do Instituto de Estudos Políticos uma leitura da obra de Tucídides, *A História da Guerra do Peloponeso*. No tabuleiro, além do livro, o pano de fundo das relações entre os Estados Unidos e a China – um alto responsável chinês tinha acabado de mencionar a «armadilha de Tucídides». Como se lê um clássico quando o mundo se agita?

Texto de **Miguel Monjardino**
Ilustrações de **Pedro Vieira**



Yang Jiechi, diretor da Comissão Central para a Política Externa da China, clarificou a posição do seu país na reunião de 18 de março com altos funcionários norte-americanos em Anchorage, no Alasca: «Os Estados Unidos não têm as qualificações para dizerem que querem falar com a China a partir de uma posição de força.» A mensagem sóbria de Xi Jinping, líder do Partido Comunista da China, para a administração Biden foi que a América pode ter a paz – ou a guerra.

No meio do debate político sobre o encontro em Anchorage, apareceram imensas referências a Tucídides, o general e historiador ateniense que escreveu *A História da Guerra do Peloponeso* no final do século V a.C.

«O Momento Tucídides?», perguntou a *Nikkei Asia Review*. Xu Qiliang, vice-presidente da Comissão Central Militar da China e o mais importante oficial general do país, falou da «Armadilha de Tucídides». Estas referências a Tucídides para descrever e relação entre os EUA e a China tornaram-se quase obrigatórias desde que Graham Allison, professor na Universidade de Harvard, criou esta expressão em 2012 para chamar a atenção sobre os perigos de uma luta pela supremacia entre os dois países.

O problema é que Tucídides nunca escreveu sobre esta armadilha. O que ele escreveu no início da *História da Guerra do Peloponeso* foi isto:

«O pretexto mais próximo da verdade e que não tem sido visível no que se tem dito é que o avanço a que os Atenienses tinham chegado lhes conferia muito poder, o que causou medo aos Lacedemónios e os obrigou a declarar guerra.»

Esta é uma das frases mais importantes sobre a análise política internacional, mas deve ser interpretada com referência à visão de Tucídides sobre o poder, a natureza dos regimes políticos em Atenas e Esparta, o império ateniense, o dinheiro, a psicologia política, os horizontes temporais dos decisores políticos e uma longa guerra entre 431 e 404 a.C. Hoje, o uso indiscriminado da expressão «Armadilha de Tucídides» na comunicação social tem levado a uma infeliz simplificação da obra do general e historiador ateniense. O pensamento de Tucídides não pode ser reduzido a alguns parágrafos do primeiro livro da *História da Guerra do Peloponeso*.

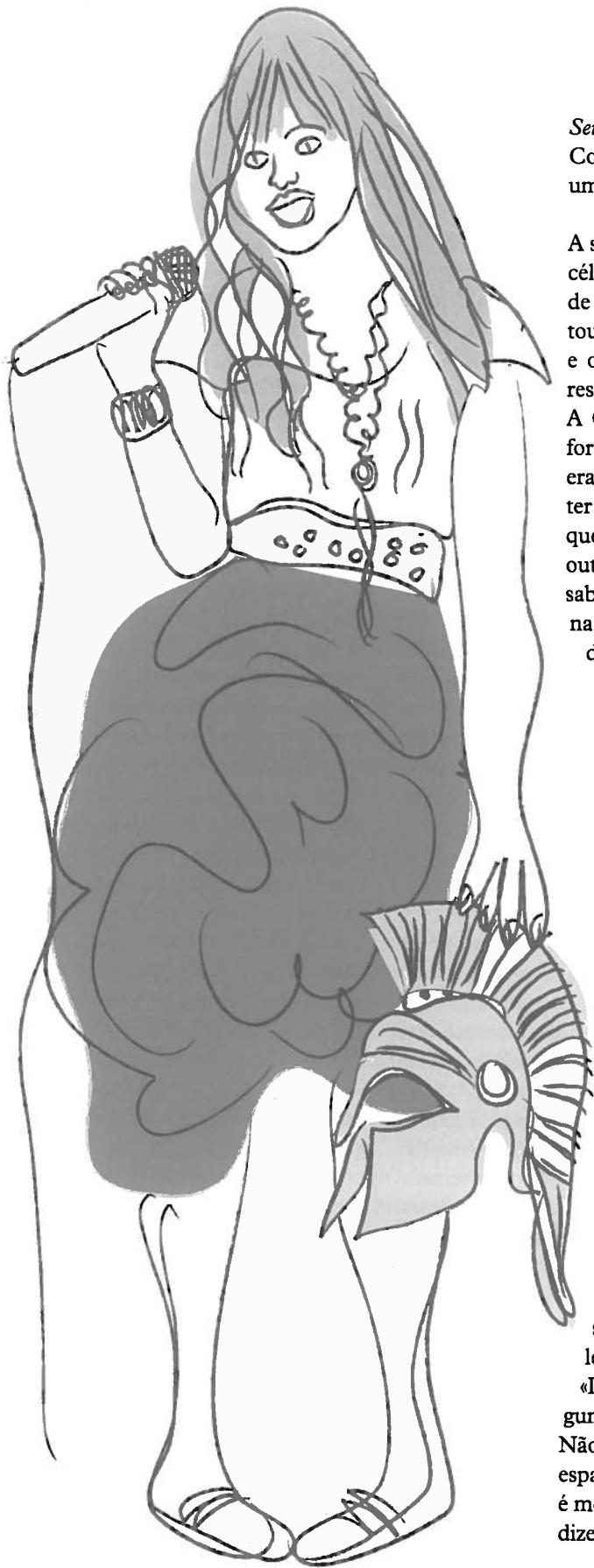
Desde há 2400 anos, Tucídides tem vindo a dirigir o mais longo e interessante seminário de política internacional. O preço de admissão para os interessados em participar nele é muito simples: temos de o ler. Fiz isto entre fevereiro e junho com a Classe de 2021 do Instituto de Estudos Políticos (IEP), Universidade Católica Portuguesa, onde

sou professor convidado desde 2001. Como praticamente todos as alunas e alunos desta classe nasceram em 2000, chamei-lhe «A Última Classe do Século XXI». Como tem sido habitual nos últimos anos, Laura Lisboa, que fez o curso de Física Tecnológica no Instituto Superior Técnico e depois concluiu o seu mestrado em Ciência Política com distinção e louvor, acompanhou-me nesta viagem no IEP.

A covid-19 mudou completamente as nossas vidas. Desde março de 2020, tenho estado em Angra do Heroísmo à espera que a pandemia diminua de intensidade e de ser vacinado. Nas suas casas, por Portugal fora, a Classe 2021 leu Tucídides. O Zoom tornou-se indispensável para todos nós. Tal teve um preço. «Não quero parecer mimada», disse-nos uma aluna na primeira aula durante o auge da pandemia. «Somos saudáveis, e ao contrário de muitos, temos comida na mesa. O meu ponto é que até ao início da pandemia, a universidade era sobre estarmos juntos. Hoje, apesar de toda esta tecnologia, acho que não estamos juntos. Antes, conversava durante a noite, partilhávamos ideias em bares e na biblioteca. Saímos à noite. Agora, olhamos sempre para as mesmas paredes todos os dias. Hoje será como ontem e nada mudará amanhã. Tivemos de aprender a viver isolados. Tem sido difícil arranjar a motivação para estudar e escrever. Quando voltaremos a estar juntos? Tenho tantas saudades de ir a concertos.»

Tenho imensa pena. A universidade não devia ser assim. Tive de reconsiderar tudo sobre o ritmo, o conteúdo e o formato de uma educação universitária no mundo digital. Duas décadas de experiência televisiva com a SIC-Notícias foram muito úteis nesta transição para o Zoom. A cadeira de Geopolítica e Geoestratégia começou ao som de «No Surrender» de Bruce Springsteen num concerto ao vivo em Londres, em 2013. As estrofes iniciais são um aviso a todos os professores. O que nos interessava mais naquela canção, todavia, era a promessa da defesa de uma educação e a esperança de dias melhores.

A covid-19 não pode ser comparada à epidemia de peste que devastou Atenas entre 430 e 427 a.C. Cerca de um terço da população ateniense morreu. Mesmo assim, a pandemia que vivemos ajudou a Classe de 2021 a apreciar o poder da extraordinária descrição de Tucídides sobre uma doença altamente contagiosa e sem tratamento médico conhecido no meio de uma guerra entre Esparta e Atenas. Entre as dezenas de milhares de vítimas estiveram Péricles, o líder mais influente da cidade, a sua irmã e os seus dois filhos. Conversámos sobre os quadros de François-Nicolas Chiffart (*Péricles no Leito de Morte do*



Seu Filho) e de Michiel Sweerts (*Peste numa Cidade Antiga*). Como os Atenienses sabiam, a arte sempre foi essencial para uma comunidade política.

A seguir, lemos a «Oração Fúnebre» de Péricles, um dos mais célebres discursos políticos da História, ao som da 5ª *Sinfonia* de Mahler. Perguntei-lhes: «Péricles, que concebeu e executou uma estratégia defensiva baseada no atrito contra Esparta e os seus aliados com o apoio da maioria da população, é responsável pela epidemia de peste e as suas consequências?» A Classe 2021 não chegou a uma posição consensual. «Da forma que vejo isto», disse uma aluna, «a guerra com Esparta era inevitável. A peste não era uma coisa que Péricles pudesse ter previsto. Os acontecimentos surpreenderam-no. Não acho que ele seja responsável por isto». «Não concordo», contrapôs outra aluna, «acho que ele está a lavar as mãos da responsabilidade que tem nisto. Isto não é liderança. Se estivesse na Assembleia em Atenas, teria menos confiança nele depois disto».

Atenas agonizou sobre como responder ao pedido de uma aliança por parte da Corcira (Corfu hoje em dia). A maioria dos Atenienses acabou por concluir que a ilha, com a sua posição geopolítica privilegiada no Noroeste e uma marinha poderosa, ajudaria Atenas a manter um equilíbrio de poder favorável com Esparta e dissuadiria os Coríntios. Porém, os acontecimentos, evoluíram de uma forma surpreendente. Instigada por Corinto, uma cidade-estado ambiciosa e decidida a correr riscos na defesa dos seus interesses, uma revolução e uma guerra civil destruíram a Corcira. Esparta e Atenas foram forçadas a intervir. As potências hegemónicas muitas vezes não conseguem controlar os acontecimentos ou influenciar de forma decisiva as escolhas dos seus aliados.

Na poderosa descrição destes acontecimentos, Tucídides dá a sua opinião sobre a alteração dos valores que a guerra civil trouxe à Corcira. Essas páginas do Livro III da *História da Guerra do Peloponeso* são indispensáveis numa educação política. A Classe 2021 leu-as ao som de *Ständchen* (D 957) de Schubert.

«Porque retirou Esparta a sua marinha da Corcira?», perguntou um aluno perplexo. «Eles estavam a ganhar aqui. Não percebo o que se passa com este Alcidas, o almirante espartano. Teve medo da esquadra de Atenas. Só pode.» «Isto é mesmo chocante», afirmou um outro aluno. «Nem sei o que dizer disto. Horrível. Quer dizer, já tinha lido muita coisa so-

bre guerras civis, mas pais a matar filhos? E o almirante ateniense não faz nada. Ele podia ter acabado com este horror na ilha.» «Talvez», respondeu uma aluna, «mas a posição geopolítica da Corcira é mesmo importante para Atenas. Acho que isto é um caso de necessidade na guerra. Aconteceu a mesma coisa com os Espartanos em Plateias. A esquadra de Atenas está ali com o objetivo de dissuadir mais intervenções externas e também para dar tempo ao partido popular em Corcira para virar a guerra civil a seu favor.» «Sim», observou um aluno, «mas isto não é o que Atenas tinha em mente quando aceitou uma aliança com a Corcira. Agora terão de empenhar mais forças navais do que pensavam no Noroeste.» «O que me intriga, é como a Corcira é tão instável do ponto de vista político», concluiu um aluno. «Como pode ser um bom aliado dos Atenienses? Contribui com o quê?»

A guerra, como Tucídides fez questão de nos chamar a atenção, «é um mestre severo». Francisco Goya, o grande pintor espanhol, sabia isso. Discutimos a sua obra-prima *El tres de Mayo en Madrid* e alguns dos seus desenhos e esboços em exposição no Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque. Num ensaio sobre esta exposição para o caderno *Life & Arts* do *Financial Times*, Ariella Budick escreveu que Goya «transforma a fantasia e o pesadelo em teatro irresistível. Mistura paixões puras e poluídas de maneira que nunca podemos olhar confortavelmente com distância moral e afirmar com certeza: não somos aquilo. Somos melhor do que aquilo». Acho que Tucídides concordaria com Goya. A guerra civil, com as poderosas paixões que gera, é a maior ameaça a qualquer sociedade.

Tínhamos avançado bastante na matéria quando o nosso seminário começou a chegar ao fim naquele dia em março. Em fevereiro, a primeira leitura de Tucídides tinha sido inquietante. «Temos de saber isto tudo?», perguntou um aluno depois de ler os primeiros parágrafos da *História da Guerra do Peloponeso* e olhar para os mapas. «É que tem aqui muitas cidades de que nunca ouvi falar.» «O contexto político é muito confuso», afirmou a ajudante-de-campo da classe. «Não vivemos no tempo de Tucídides.» É verdade. Não é fácil começar a ler Tucídides, que escreveu sobretudo para os seus contemporâneos.

Todavia, há alguma coisa na forma como ele escreve que acaba por cativar os seus leitores na descida vertiginosa ao poço sem fim de uma guerra longa e destrutiva. Durante essa descida, as alunas e os alunos escolhem naturalmente o seu lado. Uns optam por Atenas. Outros por Esparta.

Alguns acham que Corinto fez bem em desafiar Atenas e pressionar Esparta a defender os seus aliados. Outros, têm curiosidade sobre a Pérsia, a superpotência da altura. Tanto quanto sei, a Corcira não tem apoiantes na Classe 2021. «São como a Hannah Montana», afirmou uma aluna com ironia. «Querem tudo e nunca compreendem que tudo isto aconteceu por causa deles.» Em Angra do Heroísmo, sorri ao ouvir isto. Tucídides tornou-se uma matéria pessoal para elas e eles. Este é sempre um grande momento na cadeira de Geopolítica e Geoestratégia.

«Tenho uma pergunta», disse um aluno pró-ateniense. «Se Péricles fosse vivo, teria autorizado este nível de violência na Corcira? É que fiquei mesmo chocado com isto.»

«O que acha?», perguntei-lhe.

«Acho que não», respondeu ele. «Duvido que ele fosse tão brutal. Esta não é a Atenas dele. Alguma coisa mudou na cidade.»

Sim, até um certo ponto. A guerra aconteceu. A epidemia de peste dizimou Atenas. Tal mudou tudo. Atenas pode não ter sido a mesma após a morte de Péricles em 429 a.C., mas a cidade já era uma democracia imperial ambiciosa há algumas décadas. Os Atenienses receberam sempre a revolta dos seus aliados. Suprimiram algumas com violência. No seu último discurso, Péricles foi contundente sobre o assunto: o império «é uma tirania, que talvez fosse injusto ter criado, mas é certamente perigoso eliminar».

Tucídides, um Ateniense e oficial general que foi testemunha da ascensão e queda da sua extraordinária cidade e exilado pela perda da cidade de Potideia, escreveu para nos avisar que o mundo é difícil, ambíguo e complexo. A política e a estratégia têm demasiadas variáveis. Algumas são interdependentes. Citar um dos seus parágrafos para explicar acontecimentos internacionais como a competição entre os EUA e a China não é suficiente. É necessário conversar e discutir com Tucídides. Por isso, aguardo com expectativa as minhas conversas com a Classe de 2021 sobre a *História da Guerra do Peloponeso* no IEP até ao final de junho. Daqui a muitos anos, quando as suas filhas e filhos lhes perguntarem o que leram na universidade, os membros da Última Classe do Século poderão dizer: «Eu li Tucídides na Católica.» Espero que o digam com uma mistura de alegria e orgulho no caminho que fizemos juntos. Quanto a mim, terei imensas saudades delas e deles.

Uma versão deste ensaio foi publicada no *City Journal* de 7 de maio de 2021 com o título «Digging Thucydides in Lisbon».